economia

Venda da Rometal gera otimismo em Veranópolis

Entre as dez maiores empresas do município, fabricante emprega 520 pessoas e movimenta a economia local

/ INDÚSTRIA

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

A aquisição da Rometal pela multinacional sueca Assa Abloy, anunciada na última semana, abriu perspectivas de novos investimentos e geração de empregos em Veranópolis, na Serra Gaúcha. Uma das dez maiores empresas do município em faturamento e número de funcionários, a fabricante de sistemas deslizantes e componentes de alumínio é considerada estratégica para a economia local.

A expectativa da prefeitura é de que a chegada do grupo internacional fortaleça a operação, amplie a presença da companhia em outros mercados e crie novos postos de trabalho na cidade.

O prefeito de Veranópolis, Cristiano Valduga Dal Pai, destacou que a Rometal ocupa uma posição de relevância na atividade econômica do município, tanto pela geração direta de empregos quanto pelos efeitos sobre o comércio e a arrecadação.

"A Rometal está entre as dez maiores empresas de Veranópolis, tanto em faturamento quanto em geração de empregos. É uma companhia muito sólida, com um parque fabril estruturado e produtos reconhecidos pela qualidade. Tudo isso proporciona um retorno importante não apenas para o município, mas também para o Rio Grande do Sul", afirmou.

Fundada em 1983, a fabricante possui atualmente 520 funcionários e registrou faturamento de R$ 332 milhões em 2025. Para Dal Pai, a importância da companhia vai além dos números da produção industrial: os salários pagos aos trabalhadores também ajudam a sustentar o consumo e a movimentar outros segmentos da economia de Veranópolis.

Embora a prefeitura disponha de informações sobre a participação da Rometal na arrecadação municipal, o prefeito explicou que os valores não podem ser divulgados por questões de sigilo fiscal. Ele ressaltou, porém, que o peso econômico da fabricante é significativo.

ROMETAL/DIVULGAÇÃO/JC



Compra da planta pela sueca Assa Abloy abre oportunidades na cidade

O anúncio da aquisição também alimentou expectativas de crescimento da estrutura industrial instalada no município. Com mais de 40 mil metros quadrados de área fabril, a Rometal possui, segundo Dal Pai, condições de aproveitar a presença internacional da nova controladora para alcançar mercados até então pouco explorados. "Também temos a expectativa de que o número de empregos aumente. Hoje, são aproximadamente 500 funcionários, e estamos falando da chegada de uma multinacional que é líder global em seu segmento. Isso pode abrir novas perspectivas de crescimento", projetou.

Apesar do otimismo, ainda não há confirmação de novos investimentos ou contratações. O prefeito revelou que a administração municipal não teve contato com representantes da Assa Abloy e pretende se reunir com a empresa para conhecer os planos futuros.

Para fundador da SKA, desenvolvimento do RS depende de investimentos em infraestrutura

/ CONJUNTURA

Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br

Os problemas logísticos são frequentemente citados como alguns dos principais desafios para o desenvolvimento das múltiplas regiões do Rio Grande do Sul. Para o fundador da SKA by GoEngineer, Siegfried Koelln, esse já é um entrave estrutural: tem feito, nos últimos anos, o Estado perder protagonismo econômico diante dos vizinhos Santa Catarina e Paraná.

"Vejo o Rio Grande do Sul como um estado com uma excelente base, mas que perdeu muito espaço. Se voltarmos algumas décadas atrás, Santa Catarina e Paraná, juntos, eram equivalentes ao PIB gaúcho. Por isso é importante falar de infraestrutura. É absurdo que Porto Alegre e Caxias do Sul, os dois maiores centros econômicos do Estado, não tenham uma autoestrada que os una. Não tem nem comparação com o interior de São Paulo, por exemplo", avaliou o empresário em reunião-almoço promovida pela Câmara Brasil-Alemanha nesta quinta-feira (19), no Coco Bambu do Shopping Iguatemi, em Porto Alegre.

Para Koelln, esse problema logístico gera maiores despesas às empresas, o que amplia o chamado Custo Brasil – termo utilizado para um conjunto de entraves estruturais, econômicos, burocráticos e legais que encarecem a produção, o investimento e os negócios no país em comparação com outras economias.

"Infraestrutura e logística geram custos. E, a isso, se somam outras despesas, como o valor da energia etc. Temos muitos desafios a serem vencidos. Mas a tecnologia é um fator de redução de custos que aumenta as possibilidades", pontua o empresário.

Os cenários nacional e estadual no setor tecnológico, na avaliação do palestrante convidado da reunião-almoço, são imprevisíveis, mas otimistas, para os próximos anos. "A tecnologia veio para ocupar um espaço cada vez mais na vida de todos. E é um caminho sem volta. Fazer previsões de onde estaremos daqui a cinco anos é impossível. Mas a verdade é que quem quiser sobreviver e nadar nesse mar revolto vai ter que se acostumar e se reciclar constantemente", refletiu Koelln.

LISA ROOS/CÂMARA BRASIL-ALEMANHA/DIVULGAÇÃO/JC



Koelln palestrou durante reunião-almoço da Câmara Brasil-Alemanha

A SKA, por exemplo, deverá ser beneficiada pelo avanço de estruturas tecnológicas como os data centers e cabos submarinos que se instalam no País, considerando sua atuação nacional. Principalmente, por ter clientes que fabricam equipamentos para esses fins.

O Rio Grande do Sul, nesse cenário, é estratégico, por estar entrando cada vez mais nas rotas dos avanços tecnológicos. Entretanto, há um desafio: o climático, que atinge especialmente o Estado. "Tudo é conectado hoje em dia. Historicamente, nesses quase 38 anos de empresa, sempre que o agro vai bem, nós também vamos. Porque ele é a base da pirâmide e gira as engrenagens", destaca Koelln.

Hoje, a SKA reúne mais de 700 colaboradores, três escritórios no Brasil e mais de cinco mil clientes com contratos ativos. A empresa atua em seis áreas verticais, oferecendo soluções em engenharia e tecnologia, como softwares CAD, PLM, manufatura aditiva e sistemas de gestão do chão de fábrica.

Considerando toda essa estrutura, um dos pontos centrais da palestra foi a decisão do empresário em buscar um novo modelo de continuidade para a SKA. Aos 67 anos, Koelln afirmou que a sucessão familiar não se apresentava como uma alternativa natural, o que levou à busca de um parceiro estratégico que pudesse garantir a sustentabilidade do negócio e ampliar suas possibilidades de crescimento.

A solução foi a associação com a GoEngineer, empresa norte-americana de grande porte. Com a operação, Koelln tornou-se acionista da companhia no exterior, enquanto a SKA passou a integrar uma estrutura empresarial internacional.

O fundador destacou que a parceria abriu acesso a novos mercados e oportunidades de expansão. Segundo ele, os colaboradores permaneceram na empresa e o crescimento continuou após a união. Desde então, o grupo também realizou novas aquisições.